

A reescritura do passado em Guimarães Rosa e Luandino Vieira

Mestranda Cristiane Santana Silva (USP)ⁱ

Resumo:

A presente comunicação, a partir de uma leitura de estórias de João Guimarães Rosa e José Luandino Vieira, presentes em Primeiras Estórias e No antigamente, na vida, respectivamente, visa uma abordagem dos textos baseada na reconstrução do passado enfocada no tempo da infância. Privilegiamos no decorrer desta leitura os processos de ressemantização tanto da palavra, como do próprio espaço do passado, que salvas as distinções contextuais e das intenções dos projetos estéticos dos autores, aponta para uma tensão estrutural entre o novo e o velho. Esta tensão se evidencia nas narrativas, ademais dos aspectos já apontados, através de um constante movimento de trazer os espaços periféricos para o centro da narrativa, tanto pela inventividade da linguagem, tanto pela ruptura das fronteiras entre centro e periferia presente nos textos, nomeadamente, os musseques de Luanda em Luandino Vieira, e o sertão roseano, que nos apontam para um entrecruzamento cultural, dentro de uma escritura que recupera tempos idos apontando para novas possibilidades interpretativas dos contextos a que se remetem as narrativas.

Palavras-chave: passado, presente, infância, ressemantização, contextos: centro/periferia.

Introdução:

As narrativas a serem cotejadas para o presente texto compõem os volumes *No antigamente, na vida* (1974) de José Luandino Vieira e *Primeiras Estórias* (1962) de João Guimarães Rosa. Para esta leitura privilegiaremos o percurso textual que aponta para uma convivência/tensão entre a tradição e a modernidade, rompendo uma possível visão dicotômica, para evidenciar como estas categorias se sobrepõem e se interpenetram nas estórias analisadas. Além disso, teremos uma atenção voltada para as narrativas onde existe um protagonismo da personagem infantil, o que no caso de Luandino Vieira são todas as três narrativas do volume, já em Rosa, seriam cinco das vinte uma estórias do livro.

Dada a multiplicidade de aspectos que poderiam orientar tal perspectiva analítica, elegemos a focalização narrativa no tempo da infância (e como veremos mais adiante, tempo este que é representativo do passado), e seus desdobramentos, como as questões referentes à linguagem literária construída nos textos, e a construção do espaço ficcional, visto sempre em relação ao movimento de centro e periferia, o que corresponderia a perceber como Rosa e Luandino trazem para o centro de suas narrativas espaços ficcionais que, a princípio, estariam mais ligados ao plano da oralidade e não da escrita.

A respeito da linguagem, ademais de profunda inventividade já amplamente atribuída aos autores em estudos anteriores, procuraremos identificá-la mais do que inventada, imaginada, e portanto, ligada a aspectos da memória, como se a linguagem fosse paulatinamente recuperada, ressemantizada e revitalizada por personagens que, em graus diferentes, têm uma relação diferenciada com a palavra e esta última adquire o status de criadora de novos contextos, pois propicia uma fecunda intervenção da fábula numa realidade por vezes opressiva e alienante.

Sob este aspecto nos serão bastante caras as reflexões de Benedict Anderson em *Comunidades Imaginadas*, já que neste livro, que tratará a questão dos nacionalismos e das nações, sob o prisma de comunidades imaginadas, a língua, e conseqüentemente, a linguagem assumem relevante papel na discussão. No decorrer do livro de Anderson é possível vislumbrar três dimensões temporais e de

ações a que recorremos constantemente neste trabalho, a saber: o passado, na medida que o recupera e o restaura; o presente, pois é capaz de agregar indivíduos num sentimento de comunidade, criando, assim, companheirismos; e de futuro, que é selecionado, intencionado e sonhado a partir do entrecruzamento das duas temporalidades anteriores.

Em relação ao espaço, é importante ressaltar que o enfocaremos na relação que as personagens estabelecem com ele, ou seja, de como as crianças presentes Rosa e Luandino enxergam, caracterizam, imaginam e interagem com o espaço que as circunda. E é neste sentido que entendemos que os autores trazem a periferia ao centro, já que seus personagens vivem em espaços periféricos, contudo, na medida em que suas vivências são trazidas à forma canônica, que é o texto literário, estas fronteiras se rompem e se desenha diante do leitor uma sobreposição de centro e periferia, além de permitir a reflexão de como um espaço é definido em função e nas suas relações com o outro.

O passado reescrito na infância:

Na leitura a que nos propomos das estórias de Guimarães Rosa e Luandino Vieira, um olhar sobre as formas de narrar se fazem pertinentes, na medida em que podemos, em muito, aproximar os narradores de seus contos, e mais especificamente, de “Partida do Audaz Navegante” e de “Lá em Tetembuatubia”, de Rosa e Luandino, respectivamente, da caracterização feita por Walter Benjamin, no que tange às formas clássicas de narração:

E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. (...).“Quem viaja tem muito o que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esse dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante. (BENJAMIN, 1993, p. 198)

Para Benjamin, este tipo de narrador se liga às tradições populares, muito próximo do que fazem os autores em suas narrativas, isto é, através destes textos percebemos que há um retorno a estas formas tradicionais de narração, ou seja, existe um narrador que denota uma proximidade da matéria narrada, no sentido de tê-la experienciado, o que percebemos até mesmo pelos tempos verbais da enunciação, como nos fragmentos a seguir:

Tinha horas como assim: eu queria chegar nos delas onde nem bem que sabia certo (VIEIRA, P. 13, 1974).

Na manhã de um dia em que brumava e chuviscava parecia não acontecer coisa nenhuma (ROSA, p. 166, 2001).

A partir daí, é possível perceber dois movimentos em relação ao narrador e à matéria narrada: primeiro um certo afastamento temporal, que nos remete à questão da ancestralidade e oralidade (a experiência que é transmitida através dos tempos), e somado a este existe uma aproximação, como se este passado fosse reconstruído na perspectiva do presente, isto é o narrador, que também faz parte das estórias, as refaz tentando presentificar um olhar que tinha das situações no tempo da infância. Em Luandino isto se marca pelo uso de pronomes e desinências verbais de

primeira pessoa (narrador/participante/personagem), e em Rosa, ainda que não haja uma expressão verbal que marque esta participação, o texto se permeia de expressões do tipo: “a gente fica quase presos” (p.166); “A gente via Brejeirinha” (p.167); “A gente se sentava, perto, não no chão em tronco caído, por causa do chovido molhado”, onde se vê uma cumplicidade do narrador entre as vivências cotidianas das personagens. Um outro ponto que destacamos nesta aproximação do narrador se dá nas referências que são feitas às mães das crianças, como em: “Mamãe, a mais bela, a melhor” (p.166) e “Mamãe também estava brava?” (p. 169).

A noção que temos do narrador destas estórias, recorrendo novamente a Benjamin, se situa numa retomada de tradições, muito peculiares aos contextos que retratam ambos os escritores, o sertão das Minas de Guimarães Rosa e a realidade “mussequeira” de Luandino Vieira, realizada através de um narrador misto de lavrador (aquele que se prende a terra) e marinheiro (o que viaja, trazendo em suas estórias as experiências vividas).

Fica, então, um questionamento: como pode alternar modos marcadamente distintos de narração? E a resposta, encontramos quando focamos a leitura para o universo infantil, ou seja, existe nas narrativas um tempo da infância, o passado, o tempo das “inconhecidas novas alegrias”, e um presente enunciativo, onde estas ações são narradas, em tom que mesclam desesperança e nostalgia.

E é justamente neste tempo do “lá”, em que vemos estes narradores (que também são personagens) se aventurando por caminhos de descobertas e de intervenção em realidades por vezes adversa.

O romper de fronteiras: aspectos de resistência

O segundo horizonte de leitura destas estórias é o de como os processos de criação poética de ambos escritores figuram-se como espécie de resistência a uma cultura dominante, no sentido de rompimento de fronteiras entre centro e periferia a que nos referimos anteriormente. Recorremos agora a um estudo sobre a narrativa e a resistência, do crítico brasileiro Alfredo Bosi, para delimitarmos o tipo de resistência que estaremos analisando nesta proposta de trabalho. Para o autor a resistência poderia se dar em dois campos na constituição da obra literária: o primeiro deles estaria ligado à temática, ou seja, seriam aquelas narrativas cujo tema que tratam fazem uma oposição a um estado de coisas, isto é, textos que se enredam num discurso marcadamente político e crítico de um dado social. O segundo mecanismo é a resistência como um processo inerente à escrita, o que equivale a dizer que o autor estaria resistindo através dos processos lingüísticos adotados durante o fazer literário:

A escrita resistente (aquela operação que escolherá afinal temas, situações, personagens) decorre de um a priori ético, um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso, que já se põe em tensão com o estilo e a mentalidade dominantes. (BOSI, P. 130, 2002)

A partir deste momento já podemos encontrar um ponto que diferencia a maneira e como se dá a resistência nos textos de Luandino e Rosa, para o primeiro autor, o processo de recriação lingüística vai além de um recurso estilístico, ainda que em Rosa isto também não seja o único princípio norteador destas “transgressões” à língua. Na verdade, o que os diferencia essencialmente é o contexto social e histórico em que produzem suas obras literárias.

Fiquemos, por ora, com o contexto africano: a constituição do sistema literário angolano se dá num momento em que o país está em plena mobilização dos processos de independência do país

frente a Portugal, e assim a escrita cumpriria um papel relevante na construção das identidades que iriam compor o corpo da nação angolana.

Desta forma, entra como elemento relevante da ficção angolana a questão da ancestralidade, e a relação intrínseca que esta apresenta com a oralidade, ou seja, numa cultura que até então havia a predominância dos textos de tradição oral, onde o conhecimento era transmitido por narradores que possuíam a experiência, esta última não poderia deixar de figurar os textos. No entanto os textos orais eram produzidos nas línguas nacionais, o que evidentemente provocava um conflito com a língua do colonizador e o escritor deveria transferir este conflito para escrita, buscando os mecanismos formais para “traduzir” a oralidade a esta nova realidade, esta transferência é muito bem evidenciada por Laura C. Padilha em *Entre voz e letra*:

Outra questão ligada à práticas ancestrais narrativas de resistência é o uso literário das línguas nacionais (...) No enfrentamento do velho (autoctonia angolana) e do novo (ordem de poder colonial portuguesa), ganha um relevo especial o lugar antagonicamente central e periférico que ocupam tais línguas, do ponto de vista, respectivamente, do colonizado e do colonizador...

Estas [as línguas nacionais] deixam de ser um objeto dicionarizável apenas, para renascerem como línguas vivas, reinserindo-se no universo do discurso literário com a mesma pujança original que tinham nos contextos sócio-lingüísticos autóctones. (PADILHA, p. 10 e 11, 1995)

O que se torna observável, a partir destas considerações de Laura C. Padilha, é que dentro do contexto dos países africanos de língua portuguesa, mais especificamente em Angola, o trabalho realizado pelos escritores no que se refere à inserção de elementos das línguas autóctones, diferentemente do trabalho realizado por Guimarães Rosa, em seus processos de renovação da linguagem, significa não apenas resgatar, transformar e recriar o uso de determinadas expressões, mas dar a estas a mesma relevância que possuíam em seu contexto original.

Não podemos ignorar que de certa maneira semelhante processo se dá no conto de Rosa, contudo em Luandino Vieira, o já mencionado contexto político-social do país somada à atuação do escritor no processo de independência de Angola, torna este trabalho sensivelmente distinto.

Ainda assim, podemos apontar como denominador comum entre Luandino e Rosa, que esta linguagem popular, marcadamente oral, trazida para o texto escrito é matéria literária de ambos, e de maneiras diversas atua como a diluir as distâncias entre centro e periferia, construindo um espaço outro, ou como nos aponta Anderson, permitindo a construção de uma comunidade imaginada, onde um companheirismo é possível, e, pelo menos no nível do texto, as hierarquias entre o que é central e periférico se rompem, ou melhor, são questionadas e tensionadas.

Conclusão:

Diante destes apontamentos o que podemos, concluir, ou melhor, considerar no final de nosso percurso de leitura é que os processos criativos de ambos autores permitem vislumbrar que a subversão da língua portuguesa, com a inserção de elementos de marcada de uma cultura oral, e portanto, periférica, acaba por tornar muito fluídas as noções de centro e periferia. Além disso, na medida em que o passado é recuperado, ressemantizado temos a possibilidade de perceber a que passado se referem um e outro autor, que dados foram escolhidos para lembrar, para presentificar e assim, isto nos permite perceber que muito mais do que discutir aproximações entre os trabalhos de Rosa e Luandino, se torna imperativo, pensar nas diferenças entre estes escritores, e daí pensar o posicionamento e a atuação política de cada um, bem como a maneira como isto se reflete em seus

textos, o que neste momento somente apontaremos, dada a limitação desta abordagem.

Portanto, vemos nesta leitura de "estórias" de João Guimarães Rosa e José Luandino Vieira, uma tarefa inconclusa, ou seja, muito há a ser feito no sentido identificarmos com precisão as diferenciações as quais já nos referimos.

Referências bibliográficas

Corpus da Pesquisa

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

VIEIRA, José Luandino. *No antigamente na vida: estórias*. Lisboa: Edições 70, 1974.

Geral

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 5ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

_____. *Céu, inferno*. In: _____. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ática, 1988.

COUTINHO, Eduardo F. *Guimarães Rosa e o processo de revitalização da linguagem*. In: _____.(org.)*Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. (Fortuna Crítica 6).

LEÃO, Ângela Vaz (org.). *Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa*. Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2003.

LISBOA, Henriqueta. *O motivo infantil na obra de Guimarães Rosa*. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. (Fortuna Crítica 6).

LOTMAN, I. *A estrutura do texto artístico*. Trad. M. C. V. Raposo e A. Raposo. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

PADILHA, L. C. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.

SANTIAGO, Silvano. *Uma literatura nos trópicos; ensaios sobre dependência cultural*. Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

XI Congresso Internacional da ABRALIC
Tessituras, Interações, Convergências

13 a 17 de julho de 2008
USP – São Paulo, Brasil

i **Autor:**

Cristiane SANTANA SILVA, **mestranda**
USP – FFLCH

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa

E-mail: crissantana@usp.br